

Resenhas

Lavoisier do campo comunicacional

Arquimedes Pessoni*

MARQUES DE MELO, José. **Os caminhos cruzados da comunicação: política, economia e cultura**. São Paulo: Paulus, 2010. 183 p.



O químico Antoine Lavoisier (1743-1794) ficou famoso com sua teoria que afirma que “na natureza, nada se cria, nada se perde, tudo se transforma”. Sua lei ganhou escola no mais recente livro de José Marques de Melo: “Os caminhos cruzados da comunicação: política, economia e cultura”, editado em 2010 pela Paulus, no qual o autor conseguiu reunir importantes textos por ele lido ou apresentado nos diversos eventos em que esse peregrino da comunicação andou. Ao invés de brindar apenas as platéias do México, Coimbra, Santiago (do Chile e de Compostela), São Paulo, Rio de Janeiro, Natal, Fortaleza, Maceió, Recife, Sorocaba, Guarapuava e São Bernardo do Campo com suas importantes considerações sobre o campo acadêmico da comunicação, a inclusão cognitiva, economia política, comunicação eclesial e folkcomunicacional, entre outros, Marques de Melo fez como Lavoisier e transformou seus discursos numa publicação que beira o patchwork comunicacional.

No início do livro o autor já informa que seu objetivo é justamente sinalizar às novas gerações de ingressantes nas escolas ou empresas de comunicação a difusão de conteúdos socialmente

* Doutor em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo. Docente da Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS). E-mail: pessoni@uscs.edu.br

relevantes, de modo a nutrir o discurso coletivo. Marques de Melo parece cansado de acompanhar os pesquisadores solitariamente reinventando a roda ao invés de potencializar o conhecimento já produzido em ações concretas. Como bem lembra o autor, a edificação da sociedade do conhecimento depende de uma ação coletiva.

Marques de Melo elege a linha do tempo como fio condutor para o primeiro capítulo, tentando resgatar a história da ciência da comunicação, buscando em Atenas, no século IV a.C. um marco histórico e trazendo o leitor até os dias atuais nessa viagem comunicacional, com paradas em Roma, Inglaterra, Alemanha, estados Unidos, Argentina, França, Brasil, México e outros lugares em que algo importante aconteceu e que marcou a história desse campo de pesquisa. No Brasil, Marques de Melo destaca a Associação Brasileira de Imprensa (ABI) como importante ator para a sedimentação da área.

No capítulo reservado à disciplina precursora, José Marques de Melo lembra que no setor da pesquisa, Jornalismo foi considerado, durante os anos de 1960-70, mera extensão da Sociologia. Já no campo do ensino, o autor salienta que o Jornalismo emerge, da década de 1940, como curso agregado às Faculdades de Letras, subordinação que, segundo Marques de Melo, começa a mudar nos anos 50. O autor mostra um estudo americano, de 1971, referenciado pelo pesquisador brasileiro Eduardo Meditsch, que aponta que o que faltava naquele país na relação entre a academia e a redação era justamente uma ponte que ligasse a teoria à prática que, em algum momento da história, ruiu.

José Marques de Melo acredita que, no campo da pesquisa, a sociedade é que deve dar o tom quanto ao que estudar. Para o autor, constitui dever da comunidade acadêmica o estabelecimento de políticas públicas de investigação em sintonia com os interesses da sociedade. Se esse ruído for acertado no “dial” do conhecimento, a estação que vai entrar no ar será aquela que vai contribuir para o avanço do conhecimento socialmente relevante.

No capítulo reservado à cultura do silêncio, Marques de Melo faz importante registro quanto à síndrome da mordação. Para o professor-emérito da USP, a mordação cognitiva, representada pelo analfabetismo e pela ignorância da grande maioria de nossa

população, é a mais difícil de vencer, uma vez que boa parte dos analfabetos funcionais acabam ficando de fora do jogo do progresso, pois encontram-se privados da liberdade de imprensa à medida em que não têm competência cognitiva.

Outra parte do mais novo livro de José Marques de Melo que merece destaque é o capítulo reservado ao resgate da identidade acadêmica comunicacional da Universidade Metodista de São Paulo, por meio da história do curso de pós-graduação em Comunicação daquela instituição. A vantagem do autor nessa área é não escrever sobre o que leu ou ouviu falar, mas sim, daquilo que ajudou construir. Enquanto escritor, a pós é seu objeto; como professor, a pós é parte de sua trajetória. Dessa forma, intitulado “ousadia inovadora”, o capítulo mostra o início da chamada “República de São Bernardo”, em 1978, com os primeiros trabalhos de mestrado sendo apresentados – sendo a Profa Cicília Peruzzo a primeira a se titular, em 1981 – em duas fases: de 1978-1994, caracterizada pela hegemonia da comunicação popular; e a de 1995-2008, com o foco investigativo canalizado para o desvendamento dos processos comunicacionais acionados pela indústria midiática.

Oriundo de apresentação no painel do XI Colóquio Internacional sobre a Escola Latino-Americana de Comunicação (CELACOM) 2008, o levantamento fica incompleto, uma vez que o resgate pára em 2001, quando entrou em vigor a nova estrutura estabelecida pela Reitoria da instituição. Nesse ponto, Marques de Melo só faltou escrever “entrou por uma porta e saiu por outra; quem quiser que conte outra...”, deixando o final da história – ou pelo menos o hiato 2001-2008 – para seu sucessor, por ele nominado no texto, narrar: “Mas a essa tentativa de encontrar rumos a seguir lhes será explicada pelo Professor Sebastião Squirra, que vem conduzindo, desde então, o processo de atualização histórica do programa da Metodista” (p.93).

“Os caminhos cruzados da comunicação: política, economia e cultura” é uma boa oportunidade do leitor conhecer parte dessa interessante história do campo comunicacional narrado por José Marques de Melo. Como nem a história e nem o autor descansam, resta aguardar o próximo livro com outras histórias dessa ciência nova, intrigante e que não cessa de crescer.